

KENNY RAPHAEL



TERRA MÃE, TERRA MADRASTA



KENNY RAPHAEL

TERRA MÃE, TERRA MADRASTA



2022

Ficha Técnica:

Título: Terra mãe, Terra madrasta

Autor: Kenny Raphael

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA "

Texto: Palatino Linotype 11

Capa: Sincer, Belson Hossi

ISBN: 978-989-33-3081-4;

Revisão dos Textos: Abílio Lupenha

1ª Edição

Índice

Nota do autor	6
Prefácio	8
AGRADECIMENTOS	10
DIA DE CHEGADA	12
«A Lomba»	12
DIA DE CHEGADA	18
«O velho Félix»	18
DIA DE CHEGADA	24
«Vento, Noite e Pensamentos»	24
PRIMEIRO DIA	28
«Lorena»	28
PRIMEIRO DIA	32
«Terra das origens»	32
PRIMEIRO DIA	34
«Família, tribo, a quem pertencemos?»	34
SEGUNDO DIA	38
«Rosas»	38
SEGUNDO DIA	44
«Perfeições e imperfeições; humanidade»	44
TERCEIRO DIA	48

«Mitos e tradições, Sabedoria secular»	48
QUARTO DIA	60
«Chuva»	60
QUARTO DIA	66
«Terra madrasta».....	66
MOMENTO DA PARTIDA	70
« Bom, até mais Lomba »	70
SOBRE O AUTOR	72

Nota do autor

A estória que vai nesta obra contada foi baseada numa situação com que me deparei quando visitei a aldeia da Lomba, no município de Caluquembe/Huíla, em 2020 logo a seguir ao levantamento da proibição de viagens intermunicipais por causa da situação sanitária.

A estória que vai contada, não é uma história pessoal mas apenas uma romantização de uma história da qual fui testemunha.



Prefácio

“O escritor não é o que escreve bem, mas aquele sujeito que tem histórias e faz o leitor viajar dentro dele. É, de certa forma, um contrabandista de almas”.

Mia Couto

“Agora entendo: aprendi a escrever para melhor relatar o que vivi. E nesse relato vou contando a história dos que não tem escrita.”

Mia Couto



AGRADECIMENTOS

Ao Mecenaz "ÁGUA PRECIOSA" não esquecendo a *ASA HUÍLA*
ACADEMIA DE AUTORES DA HUÍLA / LUBANGO / ANGOLA.



DIA DE CHEGADA

«A Lomba»

Tudo desértico, nem uma pessoa sequer, um boi, cabrito ou outro animal qualquer, que é de hábito naquelas zonas. Eram por volta de dezassete horas, final de tarde, dia de domingo. Na mota, eu não enxergava nada para além de capim e árvores, nenhuma alma viva, isso só deve ser uma aldeia fantasma, pensava enquanto vislumbrava a paisagem.

– A aldeia da avó, ainda fica muito distante? – Perguntei ao meu tio que conduzia mota.

– Não, já tamos a chegar – respondeu ele sorridente.

O tio Isidro foi o que mais insistiu nessa minha ida a aldeia da Lomba, era onde vivia a minha avó materna, nunca tinha lá ido antes, ficava no interior profundo do município de Caluquembe.

– Serão bons, os dias que ficarás na aldeia da avó, lhe fará muito bem estares com ela, e a ti também...

– Hum! – Respondi secamente, não estava muito convencido, nunca antes dormi numa aldeia, horas antes falei com o meu pai ao telefone, que se riu muito quando lhe contei que ficaria por três dias na aldeia da Lomba, ‘lá não é cidade’, repetia insistentemente. No dia anterior a tia Bernarda me tinha falado um pouco de como era a vivência no mato, ‘lá ó sobrinho, eles andam bué para arranjar água’. No dia não levei em consideração, e agora a cada momento que me aproximo, o peito queima com cada informação, a principal é aquela que a tia Bernarda me contou sobre os feiticeiros.

– Já estamos perto – disse o tio Isidro – estás a ver aquela árvore de manga lá, no fundo.

Não via nada, mas respondi positivamente. Ao fim de alguns minutos, já apareciam as primeiras casas, eram de barro e teto de capim, algumas tinham mesmo chapas de zinco, ao ouvir o som da mota à se aproximar, pessoas saíam para ver quem chegava, passamos uma casa que o tio Isidro indicou para mim. Disse que pertencia ao tio Mateus que estava em Luanda a tentar a vida. Saiu do interior de Caluquembe para a capital, sem sequer passar pela cidade do Lubango, mas de quê adiantaria mesmo, sem formação ou qualquer habilidade excepcional nada poderia conseguir no Lubango, o Lubango só abre as portas aos lubanguenses.

Chegamos à aldeia da Lomba, a casa da minha avó já aparecia ao fundo, ela estava já à porta, viu-nos à distância aproximar-nos. A mota parou na frente dela. Eu olhei para ela, a avó está muito velha, pensei, as costas já inclinadas e a voz ouvia-se muito fraca. Chegou para mim toda contente, fazia anos que não nos víamos.

– Meu neto – gritou ela com lágrimas nos olhos – aka, a Suku yange!

Trouxe-o para passar uns dias aqui mãe – falou o tio Isidro.

– Fizeste bem, meu filho. Você nunca me visitou! – Gritou a avó para mim

– Não podia mais lhe deixar voltar ao Lubango, sem passar por aqui – acrescentou o tio Isidro – eles quando vêm para Caluquembe só chegam aí na mana Zefa, na mãe, se eu não fosse praticamente vizinho dela, nem se dariam o trabalho de me visitar.

– Não é bem assim tio Isidro – retorqui a afirmação, esfregando levemente a cabeça

– Ah não é assim?! Quantas vezes você já veio para Caluquembe? Quantas vezes, tu já estiveste aqui, na aldeia da Lomba para visitares a tua avó? Vês! Nem tens coragem de me responder.

Não respondi às perguntas de provocação do tio Isidro, ele é daqueles que vivem se intitulado «donos da razão», se dissesse que é, assim o era. Nem mais nem menos.

– É também o pai deles que não lhes deixa vir – acudiu a avó

Falavam de mim, como se falassem de uma criança, às vezes, o tio Isidro olhava para mim e respondia para avó em umbundu, provocação. Vamos entrar, começava-se a levantar uma ventania.

– Esse vento assim, já tá começar, não há chuva, e o milho está a secar...esse ano há fome – falou minha avó.

Anui positivamente com a cabeça, imitando o tio Isidro, como se tivesse de facto prestado atenção.

– Esse vento é que está a cortar a chuva, é feiticeiro esse vento – acrescentou o tio Isidro.

– Hum – concordou a avó – até, o novo Soba-Grande tá preocupado. Vou mandar o Fábio chamar o avô. Fábio!

Chegou um rapaz com um ar de pateta, olhava para mim e ria-se de vergonha, é tantã esse, pensei.

– O avô? – Perguntou ela para o rapaz que chegara.

Finalmente vou conhecê-lo, pensei, ‘o famoso avô Félix’ o Soba, aquele que já foi Soba-Grande de Caluquembe, ouvira muito falar, muitas versões sobre sua personalidade, finalmente teria a minha própria versão.

– O avô saiu com o mano Paulo, avó – respondeu o rapaz.

Ah! Levou também a mana Lorena né? – Perguntou a avó, o rapaz anuiu com a cabeça – Tamo com um problema aqui, ontem mesmo aconteceu, essas moças que vêm da cidade. Assim mesmo o avô foi lá ver – falava olhando para mim.

Lorena! Curioso encontrar alguém nesta aldeia com um nome assim. Que tipo de pessoa será? Fazia-me essa pergunta.

– Fez quê a moça? – Perguntou o tio Isidro.

- Parece tava a se meter com homem casado, e o irmão lhe repudiou, confusão bem grande.
- Aka! E é quem o tal moço casado?
- É o Zé.
- Oh! O Zé mesmo, o do mano Cajoão?
- Hum, esse mesmo, a moça como é de Benguela, ele logo lhe gostou já, e a moça mesmo a saber que ele tem mulher, foi mesmo assim. A mãe lá em Benguela, lhe mandou também aqui porque lá também já num tava boa.

Eu, mantinha-me em silêncio, encostado no meu canto desta vez prestava atenção ao que conversavam os mais velhos, detalhe a detalhe, chegava até a interpretar as palavras que diziam em umbundu, mesmo sem perceber nada da língua. Lorena, a minha curiosidade só aumentava, era de Benguela, pelo menos alguém civilizado, pensei com piada, não notava, mas Lorena tinha totalmente possuído a minha imaginação.

- Vou já mãe – gritou o tio Isidro para avó que tinha ido à cozinha servir mais quissangua – Já tá ficar tarde, o rapaz já tá entregue. Sobrinho, venho-te buscar na sexta.
 - Sexta?! Tio Isidro, não combinamos na quarta?
 - Você veio aqui na avó, e só quer ficar três dias? Vais ficar cinco, sexta-feira! Mas se eu tiver muito trabalho venho só te buscar no Domingo.
 - Só que, tio Isaías, eu queria voltar na sexta para o Lubango, combinei com algumas pessoas...
 - Vais fazer quê no Lubango? – Interrompeu o tio Isidro – você não tá a estudar, não conseguiste na faculdade, no é isso? Daqui só tentas de novo no próximo ano em Agosto?
 - Sim...
- Então! Fica um bocado aqui a ajudar a avó – concluiu por fim, triunfante cheio de autoridade de tio. Avó concordava com ele, e

aí estava acabada para mim qualquer hipótese de recurso, ficaria na Lomba até sexta-feira.



DIA DE CHEGADA

«O velho Félix»

Já tinha escurecido, olhei para o relógio, marcava já dezanove horas, o tio Isidro tinha saído faz já uma hora, a essa hora não tinha ainda chegado a sua casa, sentado encostado à mesa da sala, observava detalhadamente cada canto e recanto daquela sala, as paredes eram de barro mal rebocadas, o chão pavimentado com cimento, as chapas de zinco já com fossos de onde penetrava a luz do luar, ao fundo, encostado a um canto da sala havia um gerador, num outro canto tinha um armário velho onde pousava uma lanterna que era a única fonte de luz daquela sala mal iluminada, encostados num outro canto estavam duas crianças, um rapaz e uma menina, o rapaz era o Fábio, a menina não fazia ideia de quem podia ser. Os dois olhavam-me fixamente, Fábio sempre com seus ataques de vergonha que o faziam parecer pateta, decidi quebrar o gelo com eles.

– Vocês me conhecem? – Perguntei já adivinhando uma resposta negativa.

Os meninos responderam em coro – Não – acompanhando redundantemente com um movimento da cabeça em sinal de negação.

– Esse é o mano Cláudio, é vosso primo – explicou a avó que saía da cozinha levando uma tijela – ele é o irmão da mana Lú, que já vinha aqui, vocês conhecem?

Os meninos responderam com um movimento positivo.

– A mãe dele era irmã do vosso pai. Eles são filhos do tio Belito, ó Cláudio – acrescentou a avó – você também não conhece o tio Belito?

Respondi que não, envergando um sorriso para disfarçar a vergonha. Que situação embaraçosa, o nome não me era estranho já ouvira falar no tio Belito, só que nunca o conheci, de todos os irmãos da minha mãe o tio Belito é um completo desconhecido para mim.

– O tio Belito está em Luanda com o tio Mateus, tá lá a trabalhar, assim só virão os dois em Dezembro.

Me passou a curiosidade de perguntar no quê que eles estão a trabalhar, mas decidi ignorar, não tem importância, pensei.

O jantar já estava pronto, a avó colocou na mesa, funje de fuba pala-pala com quizaca e carne de galinha que tinha sobrado do almoço.

– Podes se servir – disse a avó – Fábio encosta a lanterna aqui mais perto do mano – acrescentou ela conhecendo a minha dificuldade visual.

– Não vamos esperar o avô Félix? – Perguntei

– O avô vai demorar se esperarmos a comida vai esfriar.

O assunto deve estar muito complicado, pensei, essa Lorena de Benguela deve estar a colocar toda gente pelos cabelos, olhei para o relógio, menos 13 minutos para as vinte horas, veio a minha cabeça o tio Isidro, a essa hora já deve estar em casa com a televisão ligada a espera do telejornal, só me virá pegar mesmo no Domingo com certeza, conheço-o muito bem. É aquele tio que muitas vezes faz o papel de unir a família, engraçado que nem sequer é o meu tio mais velho, o tio Silva, o tio mais velho, que devia ser o responsável por isso viveu muito tempo no Lubango, na cidade e por isso não sabe de nada, repetia isso sempre para mim, querendo passar a sua autoridade de tio.

– Mas tio Isidro, você também viveu no Lubango por muito tempo! – Dizia eu em resposta.

– Sim, mas eu nunca me esqueci de onde eu venho, sempre me preocupei em aprender as coisas, ainda a tua irmã que vai casar, pergunta ainda no tio Silva se sabe conduzir um pedido como manda a nossa tradição? Não sabe nada, ele lá no Lubango queria ser como o teu pai.

– O meu pai sabe conduzir um pedido, na família dele, mesmo não sendo tio mais velho, lhe pedem para conduzir os pedidos das irmãs.

– O teu pai é como eu, é moderno, mas não esqueci os costumes.

Conheço-o muito bem, sei como é que é o tio Isidro, homem de muito palavreado quando se trata de pessoas inferiores na hierarquia, já o vi várias vezes com o meu pai, estava irreconhecível, era só «mano Júlio!» para todo o lado.

– Pode se servir, Cláudio. Ó Fábio afasta a lanterna! – gritou a avó.

O rapaz, ainda conservando o ar de pateta, se aproximou da mesa com a lanterna, decidi obedecer a avó e comecei a me servir.

– O avô Félix a essa hora, está na casa da avó Lourdes – segredou para mim o rapaz, sempre com o sorriso pateta no rosto.

– Avó Lourdes! Não conheço, quem é ela? – Perguntei de forma indiscreta.

A avó disfarçou, mandou a menina, irmã do Fábio buscar água para eu levar as mãos.

– É a segunda mulher do avô Félix – respondeu o rapaz.

Logo, me lembrei que já ouvira essa história contada várias vezes pelo meu pai. O avô Félix, quando foi elevado a Soba-Grande de Caluquembe, lhe foi dada uma segunda mulher como esposa, que constrangedor, pensei.

A menina, irmã do Fábio, chegou até mim com uma tijela onde tinha água. Afastei o relógio do pulso e comecei o sagrado ritual de lavar as mãos, dedo a dedo, lavava as mãos mais devagar do

que o costume, não me saia da mente, o que será que vem a cabeça da avó quando o avô Félix dorme na casa da segunda esposa? Nem imagino, aliás, imagino, mas não quero imaginar. Terminei de servir o meu prato, logo, os meninos aproximaram-se para servirem-se também, partia um pedaço de funje com o meu garfo afogava-o na quizaca e muito devagar levava-o a boca, rasgava um pedaço da carne de galinha e no mesmo lento movimento colocava na boca, pensava em demasia, no Lubango, na Vila de Caluquembe, no tio Isidro, no tio Santos, na tia Zefa, nas estórias sobre feitiçaria que me contou a tia Bernarda, no avô Félix, e principalmente tentava imaginar como era essa Lorena de Benguela.

Terminei de comer, pedi ao Fábio que também já tinha terminado de comer, que me fosse buscar um copo com água.

– Sim, mano – respondeu o rapaz, ainda cheio de vergonha. Muito simplório esse miúdo, pensei, a irmã me parece mais concentrada ou só está também cheia de vergonha. Irmã! Nem sequer lhe tinha perguntado o nome, ela estava lá naquela sala, mas eu só enxergava o Fábio e a avó, o resto da minha atenção tinha reservado para os meus pensamentos e imaginações.

– Como é que te chamas – perguntei virando para ela.

– Feliciano – respondeu a menina com a maior timidez.

– Ela é chará do avô Félix – gritou o Fábio, servindo um copo com água.

Mesmo conservando o ar de pateta, o rapaz já fala directo para mim, já está à vontade comigo esse Fábio, talvez o ar de pateta não fosse de vergonha, talvez fosse do seu estado normal.

– Mas ela é menina, como que o chará dela será um homem?

– Perguntei, e logo me lembrei que esse não era o único caso que conheço, Jéssica, minha prima, filha da tia Zefa tinha um senhor como chará – muito incomum – conclui.

– Vou arrumar o teu quarto, Cláudio – disse a avó, que já estava a um tempo em silêncio – vais ficar na casa do tio Mário, que está vazia – concluiu e saiu logo da sala com uma lanterna, chamou Feliciano para lhe ajudar.

Fiquei na sala apenas com Fábio, no ar murcho daquela sala mal iluminada puxei-me a pensar como serão os dias que ficarei aqui, ainda bem que tenho um livro bom para ler, pensei. Olhei para o Fábio sentado à minha frente e pensei, como é que será a vida desse rapaz?

– Fábio, tens quantos anos? – Perguntei, movido de curiosidade.

– Tenho nove. – Respondeu timidamente o rapaz

– Estudas?

Respondeu positivamente com um gesto positivo abanado a cabeça.

– A que classe?

– Segunda.

Não está tão atrasado, pensei.

– Então, amanhã vais à escola?

– Não, amanhã vou pastar os bois, só vou depois de amanhã.

Sensação estranha acerca daquela resposta, já ouvira falar que nas aldeias as crianças não iam à escola porque tinham que sair a pastar os bois da família, só nunca testemunhei, e agora, testemunharia de um parente meu.

A avó e a Feliciano voltaram, já tinham arrumado o quarto – O quarto já está arrumado, se quiseres ir dormir, fala só no Fábio para te acompanhar lá, na casa do tio Mário – Olhei para o relógio, eram apenas vinte horas, aquela hora não podia, não pegaria no sono tão cedo, decidi permanecer na sala mais um pouco.

Notei a sonolência na avó e nos miúdos, que se mantinham acordados apenas para me fazer companhia, não era de hábito estarem acordados até aquela hora, o quê que eles podiam mesmo fazer, nem sequer havia eletricidade, ficariam acordados a olhar para a sombra que entristece a noite e melancoliza o coração!

Simulei um bocejado de sono – Acho que já estou a ficar com sono, Fábio me acompanhas até a casa do tio Mário. – Toma lanterna. – Disse a avó – Ah, sim, boa noite avó!

– Hum, boa noite!

Saí em seguida acompanhado do Fábio, caminhava olhando para cada casa, o adobo à noite tinha um tom mais azulado, efeito da luz do luar, as árvores davam asas à minha imaginação assombrosa, via figuras nas árvores que nunca estiveram ali, a nossa mente brinca bastante connosco quando nota o nosso desconforto, um desconforto que eu sentia bastante, que aumentava com um simples abanar de árvores, um tremer de folhas, ou com o som do vento batendo nos zincos das casas, perdia-me em pensamentos tenebrosos, quando ouvi o Fábio gritar:

– Cobra!

Voltei a mim e dei de caras com uma cobra cruzando a aldeia, esgueirava-se bem próximo aos meus pés, levei um susto que me pôs rodas nas pernas e numa grande velocidade desatei daí a correr, corria para uma direcção desconhecida, quando pensei de repente que talvez corresse na direcção de outra cobra, parei, e devagar olhando para o chão voltei para onde estava o Fábio. Pensei, hoje não conheci o grande velho Félix, uma lenda viva para mim, mas adivinho uma noite longa para mim.

DIA DE CHEGADA

«Vento, Noite e Pensamentos»

– Vou apagar a lanterna? – Perguntou Fábio

– Não, deixa, depois apago.

Me incomodei com a minha própria resposta, normalmente não durmo com luz, mas naquela noite ponderava tal coisa, olhava para o Fábio saindo e parecia que aquela casa vazia ficava mais escura mesmo iluminada por uma lanterna, a sala da casa do tio Mário que se tinha convertido em meu quarto era pequena, mas me parecia alargar-se a vista, tornava-se maior e mais escura, e a certa altura já não enxergava a luz que emitia a lanterna. Cobri-me com um lençol frágil até a cabeça, lá fora a noite conversava, o vento continuava a agitar as popas das árvores e transportava grãos de areia que se espalhavam nas chapas, portas e janelas.

A noite é longa, e África é enigmática, o que será que há lá fora? Quem será que está lá fora? O que estará a fazer camuflado pela noite e sob guarda do vento? Eram pensamentos que invadiam naquele momento a minha mente, fui imaginando até me deparar com as lembranças da conversa com a tia Bernarda.

– Ó Cláudio lá no quimbo da avó, também há umas pessoas que não se dá confiança – gritou ela para mim, quando lhe disse que iria até a aldeia da avó, passar lá alguns dias.

– Mas o avô Félix não é Soba? Então ele conhece todas essas pessoas – respondi, acrescentado um sorriso para disfarçar o desconforto.

– Ó filho, nós que já vivemos no mato, sabemos como é que é, todo mundo sabe que aquele é feiticeiro, mas ninguém faz nada, porque no fundo lá todos os mais velhos são feiticeiros.

- Mas até no quimbo onde vive um Soba-Grande, os bruxos passeiam assim?
- No quimbo da avó até são menos, mas no quimbo onde eu cresci ou no antigo quimbo onde a avó vivia, antes do avó Félix ser Soba! Pergunta até no teu pai, nós num óbito lá, o teu pai também estava, pergunta o que se passou lá.
- Esse quimbo onde vive agora a avó, não onde os filhos dela cresceram? – Perguntei intrigado, essa revelação deixava por terra o verdadeiro motivo da minha visita, «conhecer a terra mãe».
- Não, antes do avô Félix virar Soba, eles não viviam na Lomba, era num outro quimbo, não me lembro bem do nome, era aí mais próximo da Vila Branca.

Então eu não conheceria a «terra mãe», eu ia para uma «terra madrasta», uma terra de onde eu não descendo, onde nenhum antepassado meu nasceu ou cresceu, onde não há nada de mim, onde não há nada para mim, uma terra que não se alegra por mim, uma terra que não sente nada por mim, uma terra que agora abre os braços para mim, numa noite barulhenta, que fica acordada até o sol lhe adormecer, uma noite que conversa consigo mesma, uma noite que está bem enraizada nas pessoas desta terra.

Findo, os meus longínquos pensamentos, fui lentamente me afogando num sono leve, guardado por sonhos de aventuras e paixões, onde havia uma morena, linda, olhos grandes e castanhos bem insinuantes, um sorriso que tornava a noite em dia. Ela vinha caminhando na minha direcção, passos leves, eu em cima de uma pedra enorme, em pose de um majestoso Faraó egípcio, observava o caminhar daquela figura de escultura romana.

– Vénus, venha até mim! – ordenava com pose do grande Ramsés II.

E ela interrompia o seu caminhar, erguendo mais o seu sorriso e lentamente recuava os passos que já dera até, pára e vira-se para mim, estende as palmas das duas mão apontando para o chão e diz:

– Lamento meu senhor, mas não posso ir até si.

– Atreves-te a desafiar o deus-rei, o senhor desta terra! Como ousa mulher, tu podes ser uma deusa, mas eu sou o deus-rei, só lhe ordeno mais uma vez, Vénus, venha até mim!

– Lamento meu senhor mas não posso obedecer a sua ordem.

– Ousas, Vénus, saiba que eu como senhor desta terra, farei com que pagues pela tua afronta, tu e os teus parentes sofrerão as consequências.

– Você não pode nada, você não é o senhor desta terra, você nem sequer pertence a esta terra.

A figura do grande Ramsés II, foi se desfazendo, a grande pedra onde sentava foi se encolhendo, e então outras figuras romanas foram aparecendo e toda grandeza do faraó foi reduzida a um simples servente e a figura de Júpiter sentenciava que só a morte podia espiar os pecados a um usurpador.



PRIMEIRO DIA

«Lorena»

Acordei antes do sol, vou ser eu a iluminar o dia, mas a noite apagou todo meu brilho com a sua sombra enorme, não restava em mim luz nenhuma para irradiar naquele dia. O vento lá fora continuava com a sua conversa com as árvores, mesmo a noite já se ter despedido, os assuntos entre o vento e as árvores continuavam, provavelmente falavam das chuvas que não caíam, as árvores, famintas de chuva, pediam ao vento que se fosse embora que viesse a chuva, o vento orgulhoso respondia com fúria para cima das árvores.

Lá fora, já não estão apenas o vento e as árvores, o dia que nascia já trazia de volta ao mundo as pessoas que de noite emigravam para outras realidades. Eu de olhos já bem abertos e atentos ao zinco gasto no teto, ouvia o mesmo som da areia bater nas chapas, porta e janelas, olhei para o relógio, seis horas!

Levantei, fui para fora que estava frio, acordei tão cedo como os pássaros, mas nem sequer fui o primeiro a acordar, mulheres e crianças já cruzavam a aldeia num cima-baixo, muitos olhavam para mim e seguiam o seu caminho, mas nunca sem deixar um bom dia. Vi o Fábio se aproximar, o seu ar de pateta, já era para mim algo natural, faz parte dele, pensei.

- Mano Cláudio, avó tá te chamar – disse o rapaz.
- Tá bom, vamos!

Fomos ao encontro da avó, que se encontrava na cozinha feita de pau-a-pique, preparava um matabicho, num fogão improvisado de pedras e com lume à lenha. De fora parado a porta da cozinha

estava um homem velho, ainda mais velho que a avó, a avó saiu logo que me viu chegar com Fábio.

– É ele – disse a avó para o velho ali parado em umbundu. O velho fez uma cara, como se tivesse, se decepcionado, esperava uma criança, não um homem mais alto e com mais barba e com ar de muitas vaidades, mais um desses que vêm da cidade, vaidosos e problemáticos, todos esses que vêm para cá fogem de alguma coisa.

– Oh! Cresceu muito – respondeu o velho para a avó também em umbundu – como que te chamas? – Perguntou para mim em umbundo, que a avó traduziu para mim.

– Cláudio avô – não precisava pensar muito, soube logo quem era aquele velho, o grande avô Félix estava na minha frente, na verdade também foi um choque para mim, longe do que imaginei, não tinha um ar que passava importância.

– Chegaste ontem? Não sabia que virias, não me falaram, então sai e só voltei hoje cedinho e me falaram que estavas aqui – disse o velho, enquanto sentávamos nas cadeiras que a Felícia tinha trazido para nós.

Trouxe a conversa clichê daqueles momentos, perguntas do tipo, como estava família no Lubango, como andava o meu pai, e respostas do tipo, estão todos bem e está tudo bem com ele, e o vento que tinha sido a voz mais ouvida durante a noite continuava a sua discussão com as árvores.

– Esse vento é feiticeiro – disse o velho – é por causa dele que a chuva não cai e as lavras estão a secar.

Essa reflexão já se tinha tornado num pensamento clássico na aldeia da Lomba e não, lembro que a primeira pessoa que ouvi falar isso foi o tio Isidro, então era um pensamento clássico de todo o município de Caluquembe.

– A avó me disse que você e o Fábio encontraram uma cobra ontem a noite!?

O Fábio devia já ter-lhe dito – Sim, quando ele me acompanhava até a casa do tio Mário.

– Esses bichos aqui andam a circular, tens que ter cuidado, às vezes entram no quarto e se enrolam na cama, se não prestares atenção te mordem.

Chegou uma senhora, que falou baixo para o avô Félix, o velho levantou logo e disse:

– Neto, eu vou sair de novo agora, aquele problema de ontem, ainda não resolvemos.

– Está bem avô – respondi.

O velho saiu logo acompanhado da senhora, dirigiram-se até a uma casa que ficava próximo da casa da avó, entraram e depois de uns minutos, saíram acompanhados de um jovem alto e forte com um ar de homem da cidade, e uma moça que esbanjava uma atracção indiscutível, era muito bonita, percebi logo, era aquela moça, era a Vénus do meu sonho, era Lorena, era aquela que durante toda a noite tinha dominado a minha imaginação e meus sonhos. Meus olhos desconheciam outra direcção para se virar, um holofote não pode se descuidar da diva quando ela estiver em palco, era isso, eu era o holofote, Lorena a diva, que diva era ela!

A diva virou-se e passou a contemplar aquele se tinha tornado no seu maior fã, fitou-me com uma atenção apaixonante, os olhos dela bem fincados nos meus que não se desviavam dela, nem por um momento, ela sorriu, e eu de forma inconsciente respondi com um sorriso igual. Acompanhada do velho Félix, daquela senhora e do jovem alto e forte, ela foi a passos lentos sumindo do horizonte que meus olhos podiam alcançar.



PRIMEIRO DIA

«Terra das origens»

Subi para um monte que ficava por trás da casa da minha avó, me lembrava a rocha onde eu sentava no meu sonho, de lá dava para observar grande horizonte daquela terra, segurei num caderno e olhando aquela região onde até a minha visão alcançava, comecei com uma caneta preta:

Tua Terra Natal

Cheguei por volta das cinco da tarde a casa da tua mãe, minha avó.

Ela olhava para mim toda eufórica por ver seu querido neto em sua casa enchendo-me de beijos e muito amor.

Uma lágrima formou-se num dos meus olhos, aqueles dois pequenos versos em prosa lírica me tinham transportado para uma sensação nostálgica que fazia tremer, a tristeza aguçava a minha inspiração e continuei o manuseio da caneta.

Seus olhos mostravam um sentimento agridoce, muita alegria por me ver e por ver você em mim espelhavam suas lágrimas muita dor.

Eram lágrimas de saudades de você o mesmo que senti quando olhei para ela.

Foi o mesmo que senti quando, quando do monte que fica por de trás da casa dele eu enxergava aquela linda terra.

Olhei para baixo, aparecia a avó, sempre esforçada, mesmo velha como estava, não sossegava, trabalhando sempre para sua família, não lhes faltaria nada enquanto ela estivesse lá.

Era a tua terra, onde você viveu na infância, onde você deu seus primeiros passos quando criança.

Uma gota de lágrima caiu dos meus olhos para aquela terra mal irrigada, não havia chuva dizia o velho.

O vento levava a chuva dizia o velho, o vento é feiticeiro mais uma vez disse o velho.

O velho SOBA Félix, meu "avô", era este homem que tanto sabia? Me perguntava eu.

Lembrei daquilo que eu trouxe como missão, eu conheceria a terra onde viveu a minha mãe, onde ela cresceu, mas não seria assim, nesta terra eu não era um filho, eu era um enteado, minha mãe nunca ali tinha vivido, a aldeia da Lomba não tinha de mim, nada para mim e não traria nada para mim. Olhei para o caderno, peguei na caneta, esses novos sentimentos que tinham acabado de despertar viajaram para a ponta da caneta, misturando-se a tinta preta transformando-se em letras.

Não me importava a resposta, me interessava apenas saber que aquela era a tua terra, pensava eu.

Mas não, aquela não era a terra onde você viveu, sua mãe havia se mudado de sua terra natal há muito tempo e só agora saber disso doeu.

Eu estava numa terra madrasta, que desconhecia minha origem, era uma terra que comigo não tinha nenhuma raiz vincada.

Concluí, já com duas lágrimas a boleia nos olhos, tinha exprimido sentimentos aprisionados, continuei a olhar para o horizonte que alcançavam os meus olhos... de cima do monte podia se ver mais do que terra, podia se ver sentidos que esta terra causava na vida destas pessoas, era tudo para elas, se ela adocesse, eles a tratavam como um filho, cuida de sua mãe doente, aquela terra era para mim madrasta, mas não era estéril, tinha seus próprios filhos que a amavam, como eu amaria a minha terra mãe, a terra das minhas origens.

PRIMEIRO DIA

«Família, tribo, a quem pertencemos?»

A Feliciano veio ter comigo – Mano Cláudio, a avó está a te chamar para matabichar – descemos o monte da observação, como o baptizei. A avó estava lá dentro a nossa espera, cruzamos com o Fábio que saia a pastar os bois.

- Já matabichou, Fábio? – Perguntei.
- Já mano.
- Está bem, bom pasto então.

O rapaz seguiu seu caminho, à procura de pasto para os bovinos, a terra estava seca, não havia chuva, então o rapaz andaria uns bons caminhos até encontrar um bom lugar onde aqueles animais encontrariam alimento. Observei-o nos seus passos lentos atrás dos bichos, de chicote na mão, vagarosamente como era o caminhar dos animais, Fábio seguia no mesmo ritmo, vi-o sumir do meu alcance visual.

- À que horas ele volta? – Perguntei para Feliciano.
- Como não tem pasto aqui próximo, ele vai andar vários passos, só quando o sol estiver já a se pôr.

Entramos dentro de casa, a avó estava sentada junto à mesa branca de plástico que ficava no centro da sala, em cima havia duas tijelas com papa de milho. Sentei numa cadeira que a avó me indicou, segurei na colher para começar a comer, estava mesmo com fome, olhei para a papa e pôs-me pensativo.

- Já comeste essa papa? – Perguntou a avó, percebendo o meu estado.
- Estou só surpreso, não imaginei que a avó soubesse preparar Ndunda! Isso não é papa dos Vangangela?
- A mulher do teu pai costuma cozinhar essa papa, foi ela que te disse que o Ndunda era dos Nganguelas?

- Sim, mas não foi só dela que ouvi.
- Talvez tenham sido os primeiros, mas actualmente Cláudio, você que vive na cidade sabe bem disso, as únicas coisas que são só de uns ou de outros, são aquelas que se ligam à ancestralidade, as coisas do mundo invisível. Nesse vosso tempo das cidades, até os Kwanyama sabem preparar Kikwanga dos bakongo!

Ri-me, as últimas palavras da avó coincidira com o que eu estava a pensar, lembro-me de ter tido uma vizinha, que era da povoação de Santa Clara que era muito fã da cozinha do Uíge. A avó tinha razão, já se vão os tempos do exacerbado tribalismo, quando o território dos Ovimbundu estendia-se entre o Huambo, Benguela e norte da Huíla, quase que não havia misturas, os do sul não casavam com os do norte, isso já faz tempo, me espantar por ver uma refeição originalmente Ngangela, numa aldeia do interior de Caluquembe é um exagero, quem disse que não podia haver Ngangela no interior de Caluquembe? Isso era mesquinhez.

Segurei a colher e comecei a comer a papa, decidi desconsiderar o facto de estar a comer um prato tipicamente Ngangela no coração de um território umbundu, as fronteiras do preconceito e tribalismo foram derrubadas, e hoje o mais importante é ser angolano.

- Sabe uma coisa, Cláudio – interrompeu a avó – pode haver menos tribalismo, mas isso não significa que o tribalismo acabou. Olhei com cara de alguém que espera uma sábia explicação
- Só mesmo aqui na Lomba, há tribalismo e preconceito, só por vires do Lubango há quem possa pensar que és Nyaneka e te querer fora daqui.
- Mas vão saber que sou teu neto, logo, dificilmente imaginarão tal coisa – intervim.

– Uma coisa que importa muito é, quem é o teu pai, podem pensar que o teu pai é Vanyaneka, e a minha filha que se casou com ele, se vendeu aos Nyanekas. Os tribalistas não pensam com a cabeça; o ódio faz esse trabalho.

Talvez, pensei, minha família paterna é originalmente umbundu, tal como a da minha mãe, mas com o passar do tempo apareceram situações a que o meu pai uma vez chamou, umas misturas, há Vanyaneka na minha família, há também estrangeiros, fruto de casamentos. Até na minha família existe o tribalismo.

– Avó, na nossa família também são tribalistas.

– O que te faz pensar isso?

– Lembro-me bem de algo que aconteceu há alguns anos, foi quando a tia Marlene apresentou o namorado dela, ele pediu-a em casamento, e a falecida avó Cristina, mãe dela, disse prontamente que não, porque ele era da Lunda-Norte, eu tinha dose anos quando isto se passou, na altura não levei em consideração, agora percebo bem que aquilo foi por preconceito.

– Talvez a avó Cristina só não achou o jovem bom para a tia Marlene.

– Sim, foi isso mesmo, mas ela só pensou assim pelo facto de ele ser da Lunda. Não havia outra explicação, ele já era bem formado, com um excelente emprego. Ninguém entendia a intransigência da avó Cristina, ele era um sonho de genro, a tia Marlene chegou a abandonar a casa da mãe, ia se casar nem que tivesse que passar por cima da mãe e da família.

– Eu me lembro disso – disse a avó – nós irmãs, tivemos que interferir e falar com a avó Cristina. A miúda não se podia casar e ficar longe da família.

– Você estava por dentro avó, viu bem o que se passou.

– Sim, mas isso é uma história mal contada, a família dele foi a primeira a se por contra o casamento, ele estava próximo de se tornar pastor da igreja deles, uma mulher como a Marlene não

lhe ia cair bem, segundo eles. Mais tarde mudaram de ideia, e a falecida avó Cristina, logo que soube disso, se revoltou.

– Essa foi a desculpa dela, quando o marido lhe perguntou sobre se ela era tribalista, e por isso não aceitava o casamento da filha.

– Bem, se ela disse a verdade quanto aos seus motivos ou não, infelizmente já não lhe podemos perguntar, a propósito, tens falado com a tia Marlene?

– Ela vive em Luanda agora, estive hospedado na casa dela quando fui testar para Faculdade.

SEGUNDO DIA

«Rosas»

Já me tinha habituado as ventosas manhãs da Lomba, as árvores não se calariam enquanto a chuva não caísse, e o vento continuava orgulhoso, e recusava-se a aceitar a sua condição.

– Não te queremos aqui, vá-te embora, e deixe que a chuva caia – gritavam elas, para o vento que se mantinha intransigente e orgulhoso; sua única resposta era a fúria, mais vento que parecia fazer as árvores dobrarem e ameaçava descobrir as casas da aldeia.

Naquela manhã voltei a despertar com os pássaros, levantei cedo, como no dia anterior, a aldeia já estava corrida, mesmo sem cair uma gota de chuva, as pessoas corriam as lavras a capinar, isso me lembra alguma coisa, foi um filme, sucedeu tal e qual, sem chuva, terra seca e fome por consequência. Não vou descobrir o vento como o Kankwamba, Deus terá que ser benevolente para as pessoas desta terra.

O avô Félix já estava de pé, trabalhava na lavra, fazia uns rapazes transportar estrume e colocar numa terra que ficava a escassos metros da casa, dava para enchergar. Me aproximei do curral, de retiravam o excremento, cumprimentei o avô, que num sorriso, respondeu.

- Neto, acabou de acordar? – Perguntou.
- Sim, avô.
- Não queres nos dar aqui uma...

Calou-se ao ver a avó se aproximar, a avó não ia gostar, não por eu estar a ajudar no trabalho dele, o problema era para quem o ajuda no trabalho, não era para a lavra da avó, esta ficava a

alguns metros fora da aldeia, aquela lavra era da sua outra esposa, da avó Lourdes como se referiam. A avó vinha mesmo para me tirar de lá, não lhe agradaria ver o neto que vinha visitar, ajudar com trabalhos para a segunda esposa do marido.

– Bom dia, avó!

– Bom dia, dormiu bem?

– Eu dormi, e a avó, como passou?

– Eu também, graças... O matabicho está quase pronto, depois vou mandar te chamar.

– E o Fábio, avó, já saiu com os bois?

– Não! – Interveio o avô Félix – hoje ele vai na escola.

– E os bois, hoje não saem para o pasto? – Perguntei, temendo que ele me pedisse para fazer isso. Não tinha nenhuma experiência com pastorícia, nunca havia experimentado, mas certo que não me recusaria se me pedissem; mas não faria nenhum sentido eu nem sequer conhecia onde havia pasto para os bois, mal conhecia aquele fim de mundo, até no inferno precisamos de um guia para evitar as zonas mais esquentadas.

– Há um outro rapaz, que virá fazer isso hoje, para o Fábio hoje é dia de escola.

– Ah! Entendi, e a Felicia, não vai a escola?

– Ela ainda não estuda – respondeu a avó.

Ela era crescida o suficiente para frequentar a escola, aparentava ter um tamanho de aluna da quarta classe, porquê que ela não ia para a escola? Ecoou esse pensamento por instantes na minha cabeça, não afrontaria os avôs com esta pergunta, ignoraria por completo como se nunca me tivessem dito alguma coisa.

– Vou lá para dentro – disse por fim, os dois velhos assentiram aprovando num coro – Uhum. No meu marchar ritualístico, sempre com o rosto inclinado para o chão, assaltou-me para o pensamento Lorena, desde aquela troca de olhares não voltara a vê-la, acho que aquela mulher é uma miragem, ouço-a, mas nunca a vejo, como gostaria de vê-la agora, num passo

inconsciente pôs-me em risos de apaixonado, levantei a cabeça para a porta e vi a um canto da porta uma roseira em floração. Que presságio! Uma sorte provável de sagitariano, e ri-me das ideias.

Depois do matabicho, voltei a subir o «monte da observação», tinha a vontade de escrever, faltava-me a ideia e inspiração, nada naquele lugar fazia imergir o poeta que estava adormecido, do monte podia-se ver tudo, aquela terra estava deprimida, lhe faltara a bênção de chuva, não havia verde algum, só um longo amarelado de areia e capim seco, impróprio da época, é Novembro, este monte onde estou sentado devia estar um lamaçal, inclinei a cabeça para o caderno, abri uma página e fiquei a contemplar o branco do papel, assaltou o pensamento aquela roseira à porta de casa da avó, um ser que luta contra a fúria da natureza, escrevi uma palavra no caderno, quando o meu pensamento foi pela primeira vez interrompido por uma voz de moça, a única voz feminina mais jovem com quem cruzara era a de Feliciano, mas não era de moça mas sim de menina, esta que escutei não era uma menina, esbanjava imensa sensualidade nas palavras. Virei para a direção de onde me parecia surgir, estava lá sim, uma moça, o seu olhar ora direcionado para mim e repetiu o grito que tinha ouvido.

– Oi! – Gritou, acompanhando com um aceno.

Fiz um gesto de interrogação, perguntando se ela se dirigia para mim.

– Sim, você mesmo – e seguiu marchando na minha direção, subiu o pequeno monte da observação que era de fácil escalada – oi!

Arrepiei-me com a proximidade que ela estava de mim.

– Você é poeta? – Perguntou.

Indaguei com a resposta, não foi assim de repente que imaginei a nossa primeira aproximação.

– Ver um jovem sentado num monte, com um caderno na mão e esferográfica é raríssimo mesmo nas cidades, por não haver montes por lá principalmente, aqui acho que deve-se ao facto de que a maioria não sabe ler nem escrever, então és um enigma para muitos, para mim tens ares de poeta, acertei?

– Nas horas vagas – saltou-me finalmente uma resposta.

– Posso ler o que escreveste, faz tempo que não leio nada novo.

– Infelizmente não escrevi nada, ainda.

– Falta-te inspiração?

– Acho que sim.

Pegou no meu caderno e aleatoriamente abriu uma página, que ousadia, pensei. A página aberta estava quase toda ela em branco, apenas um título manchava-a com tinta de esferográfica preta, uma palavra que ela em voz alta e um tom bastante sensual pronunciou: «Rosas».

Tonto de aparência, olhava-a e com a mesma intensidade de olhos, sua atenção estava em mim, um momento a Titanic, aquela moça interessava-me e eu a ela sem dúvidas, mas porquê? Ela era fascinante, não havia o porquê de eu não me interessar, mas eu a ela, tínhamo-nos visto uma única vez, poucos segundos de olhares holofóticos, nada mais sucedeu, até este momento, segundos de silêncio no nosso meio, o vento, aquele mais odiado da aldeia se fazia presente em força, não dava tréguas, nem aos cabelos crespos e duros da benguelense, o som das folhas soavam a comentários populares sobre aquele instante.

– Achas que sou uma rosa? – Perguntou Lorena.

– Sem dúvidas que sim.

– As rosas são flores muito bonitas e delicadas, não me conheces, tens certeza que tenho tais qualidades?

– A beleza de uma rosa, em ti, está mais que evidente. Quem questiona isso só pode ser cego: toda mulher é delicada, então és naturalmente uma rosa.

– As rosas são perfeitas; eu já fiz muita asneira por isso vim aqui parar, acredita, não posso ser perfeita.

– De uma coisa podes ter a certeza, nenhum ser é perfeito, os seres apenas mudam, nunca se transformam, não se pode sair de humano para anjo, apesar de que...

– Apesar de? O que estavas a dizer

Fomos interrompidos por Feliciano, que lá de baixo, chamava por mim, com o meu discurso, não me tinha apercebido do quão próximo estava Lorena. Bem de perto, em quase carícias, perguntou:

– Hoje a tarde, vai ter ao campo.

– Ao campo! Gostas de futebol por acaso – não pode ser mais do que é, pensei.

– Aprendi a gostar, mas hoje não há jogo, só Domingo.

– E então...?

– As pessoas, os mais jovens dessa localidade, reúnem-se sempre no campo nos finais de tarde... há lá gente que te pode interessar. Pede ao Fábio que te leve até lá.

– Está bem, estarei lá.

– Leva o teu caderno de poesias!

– Mas para quê?

– Estás a dever-me um poema, «Rosas», já que me achas uma, podes dizer que tipo de rosa eu sou – disse ela, carregando um sorriso provocador.

– Está bem – respondi com um sorriso da mesma intenção – ah, não faço ideia de como te chamar.

– Duvido que não descubras, até lá podes chamar-me de rosa. E eu como te chamo?

– Duvido que não descubras, mas até lá, podes tratar-me por cravo – respondi ironicamente, a que ela correspondeu com

o mais belo sorriso que os meus desgastados olhos já haviam enxergado.

SEGUNDO DIA

«Perfeições e imperfeições; humanidade»

Tinha chegado a hora, o sol, o astro rei, que todos os dias nos vem acalorar e iluminar as vidas, esbanjando alegria, após um chuvoso dia de verão, próprio da época em que estamos. Mas não era dessa forma que era visto naquela altura, época de lavoura, não havia chuvas, o sol mostrava-se todos os dias radiante, mas já ninguém sorria de o ver tão esplêndido, pelo contrário, amaldiçoavam a sua vigorosidade, que com auxílio do vento que afugentava as nuvens, mostrava-se majestoso em pose de Luís XIV.

Era hora do grande «Rei da França» se ir deitar, a tarde já se mostrava em tom de crepúsculo, me despedi da avó e fui seguindo para o encontro marcado, não ia com Fábio, quem me acompanhava era o Quizua, vizinho da avó, tinha acabado de o conhecer, nunca tinha imaginado, alguém mais simplório que Fábio, o Quizua era assim aparentemente uma criança grande, ao falar não parava de rir, mesmo que estivesse a falar de algo sério, mal se percebia o que lhe saía da boca, no trajecto para o campo só ele falava, eu limitava-me a fazer interjeições: ah! Oh! Hum!

O cenário do campo era o oposto completo da aldeia, na aldeia era raro ver alguém passar, a certas horas, parece assombrada, pelo silêncio e a forte presença do vento, o que eu enxerguei naquele dia foi a mais incrível surpresa desde que tinha chegado a Lomba, uma maratona, iluminada a geradores, uma festa completa.

Lorena estava sozinha, numa pose de moça a espera do namorado atrasado para o cinema, aquilo era um centro comercial para aquela gente, e nós de facto estávamos num encontro, ela me tinha chamado para sair. Me viu aproximar-se acompanhado do Quizua, a expressão dela não mentiu, não gostou de o ver chegar comigo, notei isso quando a cumprimentamos, respondeu secamente o de Quizua, que nem reparou nisso, deve haver uma história entre eles, não um romance, isso era impensável, mas uma outra coisa, mas o que poderia ser, Quizua é um pateta que mal poderia um reles plebeu como aquele fazer a uma rainha que ameaça a posição de Vénus no Olimpo?

Puxou agressivamente o meu braço, senti a violência no aperto, levou-me afastado de Quizua.

– Sinceramente já imaginava que não virias, Cravo. – Disse já com imensa suavidade e um apaixonante sorriso.

– Mulher de pouca fé, eu disse que vinha, não tinha razões para mentir.

– Não pensei que mentisses quando o disseste, só imaginei que te tinha passado à vontade.

– Entre, ficar em casa, a contemplar a beleza da escuridão e deslocar-me para um lugar exótico onde teria uma rosa a perfumar a companhia, lógico, que prefiro ficar na aldeia – falei, acompanhando de um sorriso denunciando o sarcasmo.

Ela correspondeu ao sorriso, que belo sorriso, olhava para a boca dela, os lábios, é feitiço pensei, só pode ser isso, apenas isso explicava esse fascínio.

– Então, decifreste que tipo de rosa eu sou?

– Você é uma flor que quer mudar, quer ser mais que uma rosa, julgas que há flores mais perfeitas do que outras.

– E não há?

– Eu posso dizer-te que não, cada flor tem suas qualidades e defeitos, já visto quão belo é o lírio? Eu poderia dizer que, em vez de ser um cravo, queria ser o lírio, mas os lírios apesar de belos, nascem nos mais imundos pantanais, este é um dos problemas de ser um lírio. Não importa que ser, te tornes, continuarás a ter defeitos, Deus não fez nada perfeito, ao contrário do que se tem dito.

– Então que flor acha que queria ser em vez de uma rosa?

– A única que tem os seus defeitos mais ocultos, a mais bela das flores já a és, sobra-te apenas esconder as tuas fraquezas, a única flor capaz disso seria:

Peguei no caderno e folheei até a página onde mais cedo tinha apenas escrito «Rosas».

– Toma!

Lorena recebeu com muita delicadeza o caderno das minhas mãos, o sol brotava já os seus últimos raios, ficaria escuro em poucos instantes, Lorena numa voz suave leu o título do poema.

– «Entre Rosas e Margaridas».

Em palavras mudas continuou com leitura do poema.

Tu és linda e imperfeita

Como uma rosa, és dona de uma excepcional beleza

Porém guardas imperfeições, como uma bela rosa, esconde os espinhos

O que seria a perfeição nesse caso?

Transformares-te numa margarida

Dona de uma excepcional beleza

Com tuas pétalas grandes, bastante lindas e geralmente amareladas

Ainda guarda um perfume de despertar grandes amores

Mas infelizmente não podes tornar-te numa margarida, és humana, és imperfeita, e assim nos fez o criador

Que mesmo imperfeitos, como somos, nos dedicará sempre o seu amor

E assim como és, eu te amarei, com teus espinhos

És a mais bela rosa neste jardim

Quiçá no paraíso, que Deus nos promete

Tornar-te-ás na mais bela margarida, mas até lá continuarei a amar-te mesmo me ferindo com os teus espinhos Minha bela rosa

Olhou para mim com reluzente brilhar diamantífero nos olhos, meus amigos não sabem, mas naquelas estórias sem sentido que contam sobre haver diamantes escondidos nas aldeias, onde só os locais podem aceder, têm alguma verdade, há diamantes sim, mas não escondidos, e um oriundo de Benguela estava bem reluzente à minha frente.

– Não acredito que sintas tudo isso por mim – disse ela escondendo um sorriso envergonhado.

Aquela moça de ar destronável, estava corada, aquela voz que esfrega sensualidade, diminuiu o timbre para de menina apaixonada.

– Estas palavras não são apenas minhas – respondi – toda gente que te ama está feliz com a pessoa que és.

– Nem toda gente.

– Eu pude ler quem você é, nada do que se pensa, Lorena – a moça virou de súbito seus belos olhos negros para mim, segurou minhas mãos com extrema suavidade, que mãos lindas, pensei, vou beijá-la, aproximei meus lábios dos dela, e em gesto cerimonial colei na sua boca, e ali, no meio da gente da Lomba, permaneciam nossos corpos num aperto amoroso, lembrando a grande paixão de César e Cleópatra. Nossas almas já se tinham esgueirado para o Céu, onde São Valentin com a anuência de Cristo abençoava os corações daqueles apaixonados.

TERCEIRO DIA

«Mitos e tradições, Sabedoria secular»

Desta vez, nem a fúria dos ventos matinais da Lomba, nem o doce coral dos pássaros em apresentação matinal, foram o suficiente para me trazer logo à realidade, que noite feliz, o mais leve dos sonhos desde que me exilei neste fim de mundo, a longínqua Lomba já me parecia um lar.

O relógio tocou quando eram oito horas e trinta, o alarme, já me tinha esquecido dele, nunca tinha sido necessário desde que estou aqui, o vento e os pássaros faziam um trabalho melhor e madrugador, útil pela primeira vez e nunca tinha sido mais irritante, apetecia quebra-lo.

Batem muito de leve a porta, tinha dormido mais do que estão acostumados. Pergunto por quem bate:

– É a avó, Cláudio.

Levantei logo a ir abrir a porta, ruidosa de tão velha que era, como era a casa do tio Mário, talvez não tão velha, este é o tipo de casa desta aldeia, uma aldeia esquecida e atrasada, no dizer da tia Belita.

Abri a porta muito devagar, com o objectivo de evitar os ruídos.

– Não precisavas levantar, eu só queria te avisar que vou sair, vou a um óbito no Quilo.

– No Quilo!? É onde vive a avó Marcelina, não é?

– Sim, mas o óbito não é dela, faleceu uma prima nossa, você provavelmente não conheceu. Ajuda a Felícia com o almoço.

Anui positivamente, mas a ideia de ir à cozinha não me agradou, a lenha fazia muito fumo, mas não decepcionaria a avó, faria como ela me pede, o avô Félix provavelmente comerá na segunda esposa, e a avó jamais deixaria que nós o acompanhássemos nem que ela tivesse que caminhar trinta quilômetros, para o evitar.

– Ah! – Exclamou ela – deixei-vos já o matabicho, a Felícia daqui a pouco vem te chamar para o matabicho.

– E o avô Félix, também irá com você, avô? – Perguntei já adivinhando uma resposta, não iria, a minha família não o enxergava com bons olhos, principalmente, devido aos últimos incidentes do avô com o álcool e a situação da segunda esposa, a quem, segundo os meus tios, ele dedicava mais atenção em relação a avó que era a primeira esposa.

– Não vai, para o matabicho tem uma kacuvila e pão burro, no Lubango vocês não comem pão burro, não é? – Desviou-se de uma justificação, mas foi desnecessária, eu não perguntaria na verdade, conheço a história, me contaram, que o avô Félix nos seus ataques de embriaguez oferecia coisas que pertenciam a avó para a sua segunda esposa, não demorou a chegar aos ouvidos dos meus tios, **MAKA GRANDE**, grito dos Caluanda, diziam até que o velho estava já a ficar maluco, outros até dizem que a segunda esposa é feiticeira.

A avó já tinha partido, quando a Felícia veio a avisar-me que a kacuvila já estava pronta:

– Ainda bem, já estou com muita fome, e o avô Félix?

– Acho que está na casa da avó Lourdes, saíu logo depois da avó.

Esse velho não tem jeito mesmo pelo que parece, ou está demasiado vivo para a quase a ir para cova da sua primeira

mulher. A velha Lourdes é de facto muito mais nova que a avó, pelo que me pareceu, de uns quinze a vinte anos de diferença de idade; a avó caminhava para os setenta anos, andava bastante desgastada, teve a primeira filha aos 19 anos, muito tarde para quem vivia no interior profundo de Caluquembe, foi com o seu primeiro marido, o meu já falecido avô, o velho Malaquias, morto na guerra, as balas não lhe deram a mínima hipótese, só anos depois veio esse velho aí, soba Félix, neto de soba e filho de diácono da igreja, foi o povo que lhe foi buscar a igreja para assumir o posto do avô.

Na porta da casa da avó, olhei para o lado e reparei que a rosa que ontem se mostrava vigorosa numa luta acesa contra a natureza estava em queda eminente, sem a preciosa ajuda do exército das chuvas, o castelo de espinhos sucumbiria não tardaria a acontecer; o vento tem sido malvado com este povo, o que eles devem ter feito, para que Deus os castigasse dessa maneira, se não chover até meados de Dezembro, a tia miséria se fará sentir como sua hóspede principal e infelizmente a dona morte anda sempre agarrada aos braços da dona miséria.

A lenha ardia, o estalo o confirmava, dentro de casa, cortava os condimentos para o refogado do arroz, a avó tinha sido generosa, ela provavelmente deduziu que eu não soubesse cozinhar o funje, lógico, ela me subestimou, melhor para mim, não terei que lidar com o funje a cozer na lenha, era de mais para mim mesmo! O calor na cozinha de pau-a-pique da avó era insuportável, como é que a avó aguenta cozinhar aqui todos os dias? Meus olhos pingavam, não aguento mais, só estou aqui a dois minutos, preciso de ar fresco, cheguei para fora; era incomum, pelo menos nunca se deu desde que cá estou, àquela hora havia pessoas fora das suas casas na aldeia, do pequeno quintal da casa da minha avó via-se muito bem, a aldeia estava agitada, uma multidão

caminhava em direcção à nossa casa, assustei-me, o coração acelerou no instante, o que será que querem? Um deles, o senhor que ia na frente, tinha um semblante feroz de homem da lavra, a roupa estava toda suja de poeira, pobre coitado provavelmente vinha da sua lavra completamente seca, aproximou-se de mim, e sem me cumprimentar perguntou pelo avô Félix, o avô deve estar na casa da avó Lourdes, não era preciso indicar o caminho, era nossa vizinha, e na Lomba todos a conheciam, a multidão seguiu o senhor, entre as pessoas pude enxergar uma senhora ferida, tinha sido espancada sem dúvidas, pensei, logo me lembrei, devem ter-lhe imputado o título de feiticeira e agora ia a julgamento, o avô Félix é o soba, compete-lhe tratar destes assuntos, bem feito lhe vão interromper os momentos de ternura que a minha avó cansada de idade já não lhe oferecia, já pensava igual aos meus tios.

A tarde já anunciava a sua chegada, a avó a pouco que tinha regressado, um tal de avô Nelo a trouxe, fomos apresentados mas não dei importância, provavelmente não nos voltaríamos a ver. Segurei numa cadeira e sentei debaixo da árvore de Maboque no quintal de casa, naquele momento minha alma procurava a de Lorena, vagueava para o momento romântico do dia anterior, a notícia que a avó me trouxe era a causadora desta nostalgia, «encontrei com o tio Isaías no óbito, ele disse que o teu pai lhe ligou porque o teu telefone está sem cobertura de rede, na sexta vem-te buscar o teu pai lhe pediu». Ele que quando cheguei, o que mais queria era ir embora. Deixaria a Lomba, e Lorena seria apenas a mais bela Lembrança desta viagem.

A noite já anunciava a sua breve chegada, as últimas réstias luminosas do rei Luís XIV, escondiam-se já por de trás das imponentes montanhas que faziam a sua guarda durante a noite.

Vi, apesar da miopia, Lorena se aproximar de casa a benguelense vinha no seu tradicional caminhar de Vénus, não, ela é de Benguela é do mar, ela é Kianda que por amor ganhou pernas para caminhar entre os homens e vai carregando consigo infinitos mares de despertar paixões, chegou perto de mim e logo sim, confirmei a brisa do mar me fazer estremecer, olhos nos meus olhos e me beijou sem a mínima hesitação, as reacções fugiram-se de mim, tentar reagir era em vão, foi mesmo pelo mar mesmo que Moisés levou Israel e nem a força de Ramsés pôde contra o mar, ficamos assim, conformados um ao outro, o humilde pescador dos rios e a deusa sereia com poder de comandar os mares.

– Não temes os olhos da minha avó?! – Sussurrei para ela. Deixou segundos de silêncios caminharem e depois de um suspiro carregando um leve sorriso disse:

– Eu sou de Benguela e sou uma delicada rosa.

– Minha avó também é, muito delicada mas também cheia de aguçados espinhos, ousavas contra o que ela te dissesse?

– Não – apertou-se com mais força para mim – guardaria minha atenção apenas para o que dirias a seguir.

Na casa do velho Luís acendeu-se uma fogueira quase toda aldeia dirigiu-se para lá, serviriam quissangua e os mais velhos contariam «as verdades» da terra, Lorena não lhe apetecia ir. Estes senhores nunca contam nenhuma verdade, tudo criam das suas imaginações.

– É nisto que lhes admiro, mas nestas ficções tem sempre o mínimo de verdade.

– Essa tua curiosidade de poeta tinha que te assaltar logo agora, podíamos ficar apenas eu e você, sem a aldeia à volta.

– Há certas coisas que um homem como eu não pode deixar passar, sob pena de arrependimento.

- Arreponder-te-ias de ficar comigo.
- De certeza que não, mas me arreponderia de perder essa cerimónia, no fundo foi o que me trouxe a Lomba.
- Eu sou apenas um acidente de percurso, tudo bem, vá e divirta-se com as mentiras destes ditos sábios – saiu batendo com a porta da casa do tio Mário.

Agora é que acabei de estragar tudo, mas eu não vim para longe da civilização para conhecer uma mulher, ela está certa, um acidente de percurso sem dúvidas e se eu não fizer o que me trouxe aqui agora, não sei quando o poderei, já regresso para o Lubango depois de amanhã, mas vou-me arreponder de sacrificar Lorena agora.

No quintal do velho Luís já estava repleto de gente quando cheguei, o Quizua ao lado do velho Luís fez-me um sinal indicando um lugar, o velho depositou um olhar seco sobre mim, provavelmente já sabia quem eu era, é normal, numa localidade de oitenta ou cem pessoas. Sentei-me entre o Quizua e o Paulo, irmão de Lorena, desde que estou na Lomba já várias vezes me cruzei com ele, mas nunca passamos das cortesias.

Sentei-me no lugar que o Quizua me indicou, já estava arrependido de ter sacrificado Lorena, o que ela estaria a fazer agora, não há nada que fazer aqui, estaria provavelmente dormir. O Quizua olhou para mim com aquele ar simplório dele, esboçando um sorriso que me irritou de imediato. O velho Luís fingiu uma tosse seca para chamar atenção das pessoas, virou-se para mim e em umbundu, como forma de desdém, perguntou:

- Sabes porquê que fazemos essas reuniões?
- Sim – respondi prontamente – aqui ensina-se aos mais jovens da aldeia.

– Sabes alguma coisa, não és um forasteiro de todo, afinal és mesmo neto do Soba.

Não respondi ao comentário. O velho esboçou um sorriso irónico para mim e depois virou-se para a fogueira que estava no meio do quintal, foi observando os jovens que o cercavam e depois para os poucos mais velhos que também estavam ali. As mulheres da sua casa trouxeram quissangua ainda quente dentro de cabaças e num balde plástico. Colocaram as cabaças à disposição dos mais velhos para que se sirvam à vontade, aos jovens serviram-nos com a que estava no balde, eu fui o primeiro, as mulheres fizeram questão de me servir. O velho Luís olhou para mim com aquele sorriso de aspecto desdenhoso que esboçava.

– Estas são as vantagens de ser uma visita – disse o velho para mim – servem-te antes de qualquer outro aqui – acrescentou acompanhando daquele seu sorriso que me irritava. Esse velho deve dar um sabichão, afinal quem é ele, e porquê lhe dão alguma importância?

O velho virou-se para as pessoas que ali estavam concentradas, e pautado em seus olhares, brilhava a ansiedade de ouvi-lo falar. O velho desviou o seu olhar para caneca de metal onde se servia da quissangua e começou por dizer:

– As nossas mulheres e filhas tiveram que vencer longas distâncias para arranjar o milho para nos fazer essa quissangua – olhou para mim e mostrou de novo aquele desdenhoso sorriso – os feiticeiros nos andam a roubar a chuva.

Olhou para o povo como se lhe quisesse medir o impacto das suas palavras, fala do vento de novo? Para esta gente a seca tem sempre a ver com o oculto, como pessoas que frequentam a igreja podem pensar sempre dessa forma?

– Sabem – continuou o velho Luís – não é a primeira vez que estes feiticeiros tentam nos matar de fome, houve um tempo que esteve pior, as nossas cacimbas, até a nascente lá, na ravina tinha secado, não é verdade? – Inquiriu para os mais velhos presentes que responderam num coral – sim, sim – redundantemente com um movimento de confirmação.

– Avô Luís, isso foi quando? – Perguntou um rapaz que se sentava à direita do velho.

O velho sorriu com certa malícia, parecia que aguardava aquele gatilho para iniciar com a estória, sacudiu a caneca na mão para que o rolão viesse ao de cima.

– Ó netinho! Isso foi há muito tempo, naquele tempo nós é que eramos os moços da Lomba, eu tinha idade tipo desse mano aqui. – Colocou as mãos colosas e pesadas sobre o meu ombro referenciando-se com a minha idade – O meu avô era o Soba da Lomba, sabia muito aquele mais velho.

Esse velho, neto do antigo Soba, o velho Luís era o irmão mais novo do avô Félix, um dos actuais anciões da Lomba, por isso tanta reverência e admiração por parte destas pessoas, era um grande chefe de família todos o temiam e respeitavam.

– Faltava muita chuva na aldeia, na igreja diziam para orarmos muito, Deus mandaria a chuva, mas o meu avô mesmo frequentando a igreja, não era disso, ele sabia que havia feiticeiros na aldeia, sabia até quem eram, mas não os caçava, ele queria que eles próprios se entregassem que viessem se desculpar.

– E eles se entregaram? – Perguntou o Paulo.

– Calma, jovem Paulo, vou já chegar aí. O velho conhecia-os todos, conhecia-lhes as famílias, os filhos e até os possíveis herdeiros, mas não fazia nada, deixava-os somente, quando a

minha avó lhe perguntava o velho apenas dizia para não se afligir, a chuva viria logo.

O velho parou um momento para dar lugar ao inquieto suspense que se estampava no rosto dos mais jovens, serviu um bocado mais da sua cabaça de quissangua e gritou para que as mulheres servissem as fermentadas. Terminou num gole directo sua quissangua e sorriu virado para a minha direcção outra vez.

– A chuva vem logo – disse o velho.

– A chuva vai cair amanhã? – Perguntou o Quizua

O velho mais uma vez soltou aquele seu desdenhoso sorriso e respondeu:

– Sabe uma coisa, quando o meu avô respondia que a chuva viria logo só a minha avó tinha a coragem de lhe perguntar quando seria isso, ninguém mais na Lomba ousava questionar nem suas outras esposas, nem sequer os anciões.

O Quizua repostou-se num canto como se temesse o resultado da sua imprudente pergunta, achei a resposta do velho demasiado forçada e por isso me espantei com o seu impacto sobre o «tanso» do Quizua. O velho percebeu a minha careta e acrescentou a sua resposta de outrora:

– As pessoas temiam o meu avô, todo o Caluquembe conhecia-lhe a fama, dizia-se muito sobre a sua ferocidade com as palavras e em suas acções, nem quando a UNITA tomou Caluquembe, os seus comandantes advertiam aos soldados para evitar problemas com o Soba da Lomba, por isso ele não se movia contra os feiticeiros. Não precisava, ele sabia que o temiam e provavelmente sairiam com o rabo entre as pernas não tarda a acontecer.

As mulheres vieram com uma cabeça cheia de bebida fermentada, os mais velhos todos presentes no quintal do avô Luís serviram-se dela com entusiasmo. O velho Luís trouxe a sua caneca de uma só vez, parecia uma maneira de ganhar coragem

para continuar, riu-se, dessa vez não parecia ser um sorriso sarcástico, era uma gargalhada, uma daquelas cheias de entusiasmo. Chegaram mais fermentadas de um onde toda a gente se serviu, o velho Luís tinha uma cara de quem sabia mas depois de umas canecadas e estava pronto para continuar o seu testemunho.

– Hoje uma feiticeira foi para o julgamento na Embala, lھے acusaram de travar a chuva – disse um dos velhos presentes.

– Como descobriram que ela é feiticeira – ateu-me a perguntar.

O velho Luís lançou uma gargalhada como se tivesse chegado o momento que tentou aguardar, olhou para mim com desdém, eu também tinha assuntos que me faziam ignorante.

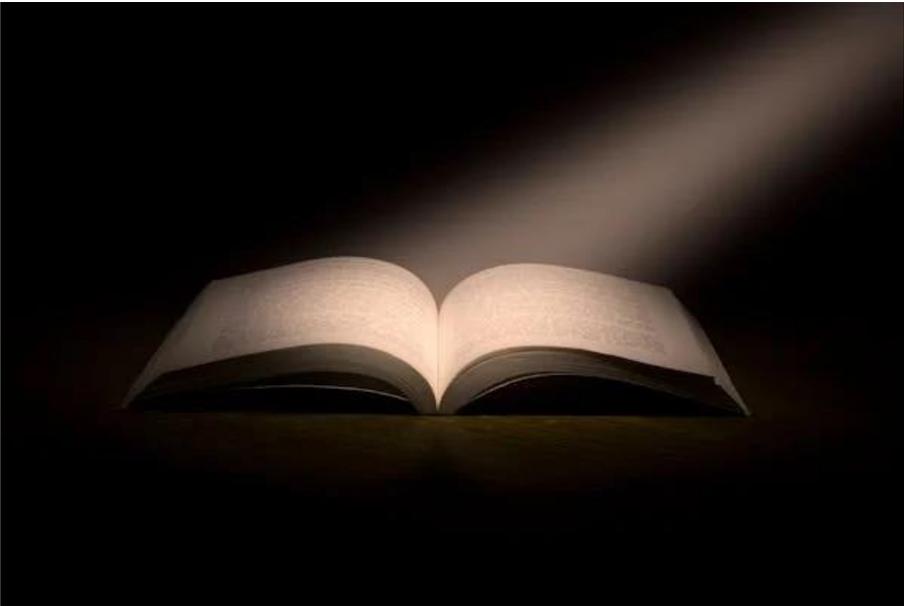
– Aqui toda a gente sabe quem são os feiticeiros, não é de todo ilegal, o problema reside quando aplicas de forma malvada o feitiço – respondeu o velho que trouxe o assunto – mas é verdade que algumas pessoas são apenas acusadas de praticarem de forma errada o feiticismo, mas nem sequer são feiticeiras.

– O ocultismo está muito ligado às nossas tradições, o feitiço não está apenas aqui, nos quimbos, na cidade vocês também sofrem com ele, vocês também procuram curandeiros tradicionais e adivinhos quando têm problemas que parecem ter origem sobrenatural, não verdade? – Inquiriu o velho Luís
Não respondi, fiz uma careta que comprova o teor verdadeiro da afirmação de velho Luís, não digo que as pessoas que procuram soluções desta natureza sejam ignorantes, talvez o ignorante seja eu, estes velhos acreditam no ocultismo e quase todos já viveram três vezes mais que eu, quem sou eu para lhes dizer que tudo os seus pais lhes ensinaram não passa de estupidez, talvez eu seja o estúpido, não tenho nem metade da experiência de vida destes velhos e vou querer dar uma sabichão, mais ainda assim estes senhores não são donos de absolutas verdades.

– Avô Luís, e como o teu avô resolveu o problema dos feiticeiros, eles foram-se embora? – Perguntei depois de alguns segundos de silêncio.

O velho mais uma vez soltou o seu desdenhoso sorriso e repentinamente seriou o rosto acompanhando-se de um frio – Não sei – um espanto correu o rosto de quase todos os participantes da reunião o velho percebeu isso no rosto dos participantes e acrescentou:

– O meu avô dizia sempre saber quem eram esses feiticeiros, mas nunca revelou quem eram essas pessoas se a minha avó lhe perguntasse ele apenas respondia que a chuva vem logo, e foi o que aconteceu a chuva veio, mas ninguém para além do meu avô pode indicar os responsáveis da seca porque naquela altura a seca fez com que muita gente abandonasse a aldeia e nunca mais regressar incluindo muitos filhos do meu avô, nesse caso, meus tios. Poucos anos depois meu avô faleceu, estava muito velho mas não foi a velhice que o levou, foi desgosto de ver quase todos os filhos e alguns netos partirem para as cidades, meu pai não aceitou assumir o lugar de Soba, era um membro acérrimo da igreja, dos netos que tinham ficado eu era o mais velho, mas achavam-me muito jovem para o posto de Soba, então forma atrás do mano Félix que dos netos mais velhos era o que estava mais próximo, não lhe deram escolha, ele que se estava tornar num membro prestigiado da igreja.



QUARTO DIA

«Chuva»

A aldeia ainda se revelava um mistério para mim, já me tinha conformado que seria assim para sempre, que ousadia, um jovem da cidade que nunca antes visitou um quimbo se achar que capaz de deixar por terra velhos mitos, mais velhos do que sua família, que mente mais aculturada, resquícios da colonização.

Os mistérios na nossa tradição permanecem e sempre parmaneceram, acordei com este pensamento, naquela manhã que era a mais irregular de todas, enquanto estou na Lomba. O rei não se tinha levantado e o vento que tanta luta dera não mostrara a sua imponência naquela manhã. Ao invés dos habituais dias ensolarados e ventosos da Lomba se faziam as nuvens presentes no céu. Nenhuma gota ainda tinha caído do céu, mas as pessoas já corriam de um lado para outro gritando graças a provável bênção que Deus lhes enviaria naquele dia.

Olhava estupefacto para todo aquele aparato de festa, a terra ainda está seca e a vegetação em tons amarelos de desidratação, será que algumas gotas mudariam isso? Esta não é a primeira chuva do ano, já haviam caído outras no princípio da época, mas passaram apenas, e estas serão permanentes? Cumpriram o seu contrato natural até Abril? Deus queira que sim, assim o Fábio não terá que viajar para dar de comer ao gado faminto e talvez possa ir todos os dias à escola, é lá onde deve estar.

Lorena tinha-se zangado comigo, não parei de pensar nisso desde que acordei naquela manhã cinzenta e feliz, o dia menos

radiante deixava mais felizes as pessoas da aldeia, a vida é uma verdadeira contradição.

Decidi ir ter com Lorena, fui a casa da 'avó Lourdes' sua avó, que constrangido com a situação, sentar-me-ia com a rival da minha avó para poder ter uma oportunidade de me desculpar com a neta dela, fui enfeitado como foi o velho Félix, seria isso que diriam os meus tios, mas quem não se espanta com a beleza do mar? Lorena tinha aquele seu jeito de sereia, de Kianda, de protetora dos pescadores, e eu o que sou, se não apenas mais um jovem encantado com o vai e vem dos movimentos das ondas?

A velha Lourdes me atendeu com grande cortesia, muito simpática para uma bruxa. Sorriu ao me ver chegar, quando lhe disse que queria falar com Lorena, mostrou uma alegria difícil de disfarçar, mandou que a chamassem rápido porque eu a esperava, ela dava-me neta como mulher, não minto que a simpatia da velha me agradava.

A benguelense saíu de dentro de casa forçada pela velha, não tencionava conversar comigo naquele dia, que difícil ele, o mar mesmo incompreendido de verdade, Lorena era igual, linda e furiosa quando lhe muda o tempo, fitou aqueles belos olhos sobre mim, sorri de insegurança, precisava não dizer nada de errado porque destruiria meu último dia na Lomba, importa-nos como acaba não como começa; ela respondeu ao meu sorriso com um suave, o sol voltara para mim naquele instante, o que era aquilo, já lhe tinha passado a zanga? Que linda estava naquele momento, que encanto de sereia. A benguelense caminhou até mim e num suave beijo refrescante como a brisa do mar numa manhã de Agosto.

- Eu perdoo-te – disse ela.
- Ainda bem, matava-me se não...

- Não diga asneira, vocês poetas são sempre exagerados – voltou a beijar-me.
- Não volto a fazer uma estupidez assim – sorri.
- Pára de falar à toa, você não ficará aqui para sempre, irá embora a qualquer altura.
- Por isso me perdoou tão fácil?
- Também, mas pensei durante a noite e conclui que não tenho o direito de te impedir de fazer o que você veio para cá fazer, não posso limitar a curiosidade de um poeta – sorri e deixou escapar uma pequena ruga que não manchava nem um pouco a escultura afrodísíaca.
- Não me diga, que coração mulher!
Sorriu outra vez, aquela Lorena, que inundou os meus pensamentos no dia em que cheguei, aquela Lorena que era apenas uma curiosidade, virou necessidade, perfume de rosa que ela tinha até os espinhos me agradavam.
- Hoje vai chover – falou num tom de desabafo.
- É o que todo mundo está a dizer, andam muito eufóricas estas pessoas.
- Têm muitos motivos para estarem assim.
- Concordo, precisam de água e comida para o gado.
Abanou a cabeça num movimento de concórdia e acrescentou – Esta terra anda estéril, precisa de tratamento, só a chuva tem esse poder.
Olhei estupefacto para Lorena, a reflexão dela me tinha causado um certo momento de arrepio, Lorena tinha colocado frieza na voz, os espinhos de rosa despontavam na voz da benguelense.
- Sabe uma coisa Cláudio, as pessoas desta aldeia são simpáticas com os forasteiros que as visitam, mas entre eles são apenas simpáticos uns com os outros quando a terra é mãe, mas ultimamente o que essa terra tem sido é apenas madrastra.
- Como a da Cinderela – falei num tom de piada, com a finalidade de tornar o momento um pouquinho mais leve,

– Esta não, aquela é apenas má, a da branca de neve, aquela sim, aquela é bruxa também; e as pessoas desta terra, ficam enfeitçadas quando a fome lhes bate, o vizinho se torna inimigo, no responsável da desgraça, principalmente se o vizinho tiver ainda alguma coisa. – Interrompeu-se num instante e numa mudança radical de assunto perguntou – Cláudio, quando é que te vais embora?

Enrubesci num instante de silêncio, é agora, não lhe digo nada, minto e vou-me embora sem avisar, para evitar as lamechices das despedidas, não quero que ela sofra, pensei, mas era eu que tinha medo de sofrer com despedidas, era eu que não queria ver a benguelense enquanto me vou distanciando.

– Quando chegar o momento, digo-te – respondi.

– Tens planos para mais tarde?

– Que plano, eu poderia fazer nesse fim de mundo? Nem consigo pegar num cochilo das 15 horas.

– Então vamos passear mais logo – o sorriso radiante lhe tinha voltado a subir o rosto.

– Vamos ao campo?

– Não, vamos procurar inspiração para ti.

– Não sei se há na terra maior inspiração para mim do que você.

– Acredito que haja, mais bela que uma rosa, só uma margarida.

– Porém, tão imperfeita como a primeira – sorrímos de igual modo, o momento irradiava o calor que as nuvens não permitiam ao sol espalhar pela terra, as arvores estavam caladas e o vento tinha sido finalmente banido.

Olhar da avó queimava de reprovação, ela fingia não notar a minha aproximação com Lorena, mas era um cúmulo fechar os olhos ao me ver sentado na casa da velha Lourdes, recebendo

Quissangua das suas mãos e sorrir com cara de «parvo» quando a neta dela, de reputação duvidosa aliás, sorria para mim. Almoçávamos naquela hora, o avô Félix estava presente, eu estava ali há quase cinco dias, mas víamo-nos poucas vezes, o Soba é ocupadíssimo, e o homem tem necessidades, minha avó não podia fazer nada quanto a uma ou outra situação, os olhos dela estavam postos em mim e gritou para o avô Félix:

– Diga àquela senhora para não chegar perto da minha família, não lhe quero ver outra vez a servir quissangua ao meu neto.

O velho fez cara de espanto, virou-se para mim e disse:

– Recebeste quissangua da nossa vizinha?

– Sim avô, fui até a casa dela e ela ofereceu-me um copo de quissangua

– E o que foste lá fazer?

Fiz silêncio por alguns segundos, enquanto preparava uma resposta que geraria pouco escândalo, já que haveria um escândalo de qualquer forma.

– Fui ter com o Paulo, avô – respondi finalmente.

– Só mesmo o Paulo? – Notei severidade na pergunta, não pensei que aquele velho alcoólico teria em algum momento uma pose de autoridade.

– S-sim avô – gaguejei, deixando a mentira presa na garganta por uns instantes.

– Não vá de novo àquela casa, me ouviu?

– Ouvi sim avô – testemunhei a autoridade de um Soba sobre mim, odeio receber ordens, mas estas nem me atrevi a questionar, o velho tem um pulso firme também, afinal é má autoridade tradicional, o líder desta gente.

– Bom que ele vai embora amanhã, àquela moça de Benguela já lhe apertava o pescoço às noites – gritou a avó do canto onde se conservava sentada num banquinho de madeira forrado com pele de boi.

O avô Félix fez cara de desgosto sobre a afirmação, Lorena tal como eu, era neta de uma das suas mulheres, não lhe caia bem ouvir-lhe chamarem de criatura das noites, ser maligno quem envenenar o sono de uma pessoa.

– Não diga essas coisas mulher, a moça não é nada disso – gritou o avô num tom ainda amigável.

– Essa mulher que te deram está a usar a neta dela para fazer mal ao meu neto já que não consegue comigo, Deus me protege. Não lhe vou deixar tocar na minha família é bom que lhe digas. A pobre sala conservou-se num amargo silêncio, a avó destilava ódio nas palavras, até eu me arrepiava, nunca imaginei que a minha avó tivesse tanto rancor de uma pessoa, são ciúmes? Na idade dela? Ainda mais sendo mulher de um Soba, o mais autorizado polígamo da sociedade! Não são ciúmes, até o meu falecido avô Malaquias tinha mais de uma mulher, ela sabe como são os homens do Quimbo.

– Eu já disse que não era ela que fazia mal, não foi ela que te deixou doente e o adivinho Jeremias confirmou, e o culpado já foi castigado – gritou o avô já histérico.

– Não sei se não era mesmo ela que segurava a chuva, ó Felícia prepara já aquelas bacias que trouxe o tio Santos, temos que aproveitar a água quando a chuva começar a cair.

A amargura do silêncio se voltou a sentir na sala, a avó para direcção da porta, o avô passou toda sua atenção para o seu prato, na cadeira, encolhe-me na presença, nada mais se dizia, aquele que abrisse a boca estaria a desafiar ou afirmar a sua autoridade e foi o velho a confirmar o estatuto de marido, voltando-se disse:

– Se o Isidro não te vier buscar amanhã, iremos a pé até a Vila de Caluquembe, eu mesmo te acompanho – e calou-se de seguida, nada mais foi dito naquele momento.

QUARTO DIA

«Terra madrasta»

O Quizua foi a desculpa perfeita para se sair sem ser conotado, o Fábio me tinha contado que Lorena me esperava, não sairia sem justificação depois do que aconteceu no almoço, o Quizua, me veio em mente, não pensei que precisaria daquele tantã um dia, a por companhia que se podia encontrar, agora como me livrar dele para ir ter com Lorena, esse gajo é uma cola, não se entende nada do que diz mas ainda assim não pára de falar de pessoas que eu não conheço e nem me interessam conhecer, já há nuvens no céu, meu Deus, que caia um raio em cima de mim, não suporto a tagarelice desse gajo.

O Fábio chega com novidades, Lorena estava à minha espera no caminho que dava para o cemitério, me arrepiei completo, ela não pretende cruzar aquele cimeiro a essa hora, não importa a hora, eu não cruzo aquele cemitério nem ao meio dia do mais quente dos verões, aquele lugar possui vida própria, tem mais história e estórias que qualquer outra coisa aqui na Lomba.

Consegui finalmente escapar da cola do Quizua, perdeu-se nas viagens da sua tagarelice, bom que nunca cheguei a pegar aquele maldito avião, corri para onde o Fábio disse que Lorena me esperava, o caminho ficava camuflado entre as árvores e o amarelado capim. Lorena me esperava encostada a uma árvore, mais uma vez confirmei a presença de Kianda, senhora dos mares, dos rios e florestas, é isso mesmo, ela guardava aquela pequena floresta quando cheguei.

– Não há prisão que te segure – disse ela ao me ver aproximar-me.

Deu-me boas-vindas, a senhora das florestas, com um beijo, já começava sentir a falta que o corpo e os lábios da sereia me fariam, já me via a despedir-me, ó pai, porquê que foste pedir que eu voltasse agora, maldita seja a hora que tanto desejei ir embora, maldito seja também aquele velho bêbado.

- O avô Félix também mandou que eu não te visse mais.
 - E você não aprendeu a obedecer os mais velhos? – Perguntei em tom de piada.
 - Odeio imposições injustificadas.
 - Atreves-te a desobedecer uma ordem directa do Soba? Que coragem!
 - Até onde sei, você também está a desobedece-lo, então nenhum de nós respeita os mais velhos.
 - Hum, talvez seja isso mesmo – afirmei.
 - Vamos até ao lugar que eu te queria mostrar, vem aí a chuva.
 - Eu não passo pelo cemitério.
 - Ó fihlo de Deus, tem medo dos mortos? Teme aqueles que ainda vivem, aqueles que já viveram só querem descansar.
- Seguimos o caminho escondido, entre árvores e capins, cruzamos o cemitério sem muros entre as árvores, havia um óbito onde se via alguém pronunciar as palavras para se despedir, eram coisas da Bíblia, o falecido devia ter sido religioso, onde cemitérios, essas imagens me ficaram por muitos dias na cabeça, me invadiram os sonhos, e este sem dúvidas me tirará o sono, é tão primitivo e assombroso.
- Atravessamos o cemitério, Lorena notara o meu estado consternado, riu-se desdenhosamente.
- Há outro caminho, só que mais longo, no regresso vamos usá-lo, não voltaremos a cruzar o cemitério – disse ela e continuou a rir.

– Muito obrigado, a sensibilidade deste homem agradece – e ri-me também.

Continuamos a caminhada até aquele que seria o nosso destino, falávamos das nossas terras, ambos conhecíamos a terra um do outro, várias vezes já fui a Benguela e ela disse-me que o Lubango era a sua terceira casa, a aldeia da Lomba era a segunda, sua madrasta.

Chegamos até ao nosso destino, Lorena apresentou-me o mais deprimente dos cenários, havia uma ravina, no fundo dela corria um magro curso de água suja, dentro da ravina havia crianças aparentemente mais novas que o meu irmão caçulê, as crianças tiravam aquela água e transportavam em pequenas bacias e bidons de 20 litros.

– Essa é água que as pessoas dessa terra têm consumido, as suas cacimbas secaram e a terra só deixou esta água, estas crianças que vês fazem todo trajecto que fizemos todos os dias para ter água – enquanto falava a voz tremia-lhe, o choro encostava-se ao relato.

– Mas eu nunca vi...

– A tua avó é a mulher do Soba, os comités dão privilégios aos Sobas para lhes garantirem votos, e os teus tios mandam sempre cisternas de água para ela. Mas as mulheres dessa terra que não são mulheres de Sobas ou têm filhos influentes, matam a cede da família com isto, e os seus filhos, estas piores crianças que vês aí servem de camiã cisterna porque os maridos são homens e trabalham – já não podia controlar o sentimento frustrante, o choro desabou-lhe, abracei-a, chorei também, mas como homem – hoje era dia de chuva, o céu nos prometeu, mas até agora nenhuma gota sequer. Tu és um poeta Cláudio, escreve sobre isto, tens família influente nos comités, os responsáveis ouvem o teu pai, fala-lhe sobre tudo quando chegares amanhã.

Espantei-me, eu não lhe tinha contado que estava de partida, evitara esse assunto, mas então como ela soube? Lorena notou a

minha admiração por ela saber que partiria no dia seguinte, e disse-me:

- Foi o Fábio que me contou – tentava enxugar as lágrimas
- não sei porquê não me contaste, mas acho que não foi por mal.
- Não foi, quis apenas evitar o sofrimento da despedida.

Beijamo-nos mais uma vez e choramos a nossa despedida e ao sofrimento e desgraça dos filhos desta terra que lhes tem tratado igual a indesejados enteados.

MOMENTO DA PARTIDA

«Bom, até mais Lomba»

As 10 horas o tio Isidro chegava, não vinha na sua mota, trazia-lhe um Land Cruiser branco, reconheci logo, era o carro do tio Amílcar, marido de uma das minhas tias, a mais nova. O tio Amílcar estava na Vila de Caluquembe na última semana há trabalho e por sorte regressava hoje ao Lubango, que sorte a minha, não teria que viajar naqueles desconfortáveis e imundos autocarros.

Havia uma gente ao redor, quem vinha se despedir de mim e gente vinha apenas olhar e admirar-se com a beleza daquele carro, o Fábio e a Felícia choravam, eu tentava consolar-lhes prometendo regressar um dia destes e dessa vez viria acompanhado de um dos meus irmão mais novos, não paravam, choravam amargamente, o Fábio mais do que a Felícia.

A avó corria arrumar-me coisas para levar para casa, do pouco que esta terra tinha ela tentava ainda dividir comigo, não me recusaria, estaria a desrespeita-la e também ao costume, quase todo resto conservava-se à distância só Quizua vinha com as suas tagarelices para cima de mim, perguntando coisas sobre Lubango.

O velho Félix estava numa verdadeira pose de oficial da emigração responsável pela deportação de um estrangeiro indesejado, depois de cumprimentar o tio Isidro e o to Amílcar não disse mais nada estava apenas ali parado, como se aguardando o momento em que eu finalmente desaparecesse dos seus olhos.

Lorena se mantinha à distância, conservava-se na pose de Vénus que invadia os meus sonhos, despedíamo-nos um do outro com olhares apenas, agora mais fogazes do que aqueles que trocamos na primeira vez que nos vimos.

Bem, minha expedição por esta terra que erroneamente julgara como minha terra mãe acabou, descobri que nem seus filhos têm sido filhos, a terra os tem maltratado, a vida tem sido cruel, só rezar lhes resta, pois nem acabar com a suposta feiticeira que lhes roubava a chuva, a bênção do céu se fez sentir, então por agora só lhes posso desejar muita força. Subi no carro e partimos.

SOBRE O AUTOR



KENNY RAPHAEL é o pseudónimo do jovem escritor Wilson Rafael Elias, natural do Lubango, província da Huíla/Angola, estudante do curso de Direito na Faculdade de Direito da Universidade Mandume Ya Ndemofayo/Lubango.

Apaixonado pela literatura, tem em Mia Couto a sua principal referência literária, membro da News Books Zone (NB-ZONE) projecto que junto com amigos também fazedores de literatura criou para dar espaço a novas criações literárias sobretudo na cidade do Lubango.

Vive actualmente na cidade do Lubango com a família.

Terra mãe, Terra madrasta

KENNY RAPHAEL

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 00 244 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



TODOS OS DIREITOS DESTA OBRA RESERVADOS

KENNY RAPHAEL

Esta obra está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP", "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais -

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

